



UNICAMP

P31.35

EVENTO: Companhia Ban'yu Irnyoku

espetáculo multimídia

VEÍCULO: FOLHA DE SÃO PAULO

DATA: 03 de maio de 1995

PÁGINA: 5 - 7

SEÇÃO: ILUSTRADA



TEATRO

Grupo japonês traz kakubi surreal a SP

A companhia Ban'yu Irnyoku apresenta espetáculo multimídia no Teatro Sesc Anchieta a partir de amanhã

Fotos Yuji Kusuno/Divulgação

ANA FRANCISCA PONZIO

Especial para a **Folha**

Espetáculo: Suna - Zôo do Deserto

Companhia: Ban'yu Irnyoku

Onde: Teatro Sesc Anchieta (r. Dr. Vila Nova, tel. 256-2322, região central)

Quando: amanhã (para convidados); sexta e sábado, às 21h, domingo, às 20h

Quanto: R\$ 20 e R\$ 10 (comerciários)

O grupo de teatro Ban'yu Irnyoku é considerado uma das expressões mais contundentes da arte japonesa contemporânea.

A partir de amanhã, esta companhia de 30 atores, dirigida por J.A. Seazer, apresenta "Suna",

que já ganhou o cobiçado primeiro prêmio do Festival de Edimburgo, realizado anualmente na Escócia.

Literalmente, Ban'yu Irnyoku significa "gravitação universal". Segundo a imprensa internacional, que não mede elogios ao grupo, trata-se de um kabuki surrealista e modernizado, uma espécie de ópera-rock burlesca que, além de atores incomuns, faz uso da multimídia para produzir um teatro total.

J.A. Seazer, 47, afirma que a proposta do Ban'yu Irnyoku é despertar as capacidades humanas que foram tolhidas com o desenvolvimento da civilização.

Também compositor e artista plástico, ele é sucessor de Shuji

Terayama, que dirigiu o grupo Tenjo Sahajiki, onde surgiram as concepções hoje desenvolvidas por Seazer e seu elenco.

"Com a morte de Terayama, em 1983, pensei em abandonar o teatro. Mas nosso grupo me elegeu como o líder que daria continuidade ao trabalho. Terayama queria fortalecer o teatro por meio de elementos que estavam esquecidos pela civilização. Por isso, resgatou recursos de circo e as encenações de rua, que tinham como característica a provocação capaz de causar mudanças no cotidiano", explica Seazer.

Embora um dos pontos fortes do Ban'yu Irnyoku seja o impacto vi-

sual, Seazer garante que este não é o maior objetivo do grupo.

"Para nós, todos os elementos cênicos são importantes. No Brasil, por exemplo, a peça será falada em japonês. Isto não interfere na compreensão, porque as frases têm o sentido de evocar uma lembrança ou despertar sensações."

"Suna" é uma das obras de maior sucesso do grupo. Seu tema é a distância e suas contradições.

"Por vezes, as relações humanas se estabelecem mesmo quando há uma distância física. Nossas palavras podem ser transportadas por meio de uma carta ou telefonema. Questionamos também essa relação que pressupõe um espaço que na verdade não se sabe o que é", diz o diretor.

Seazer afirma que "Suna" também se baseia em metáforas do surrealismo, em que dimensões de grande e pequeno são medidas pela proximidade ou distância.

"Exploramos conceitos como a relação de dois espelhos que, colocados frente a frente, começam a refletir o infinito."

Sobre o elenco, que ele mesmo treina, Seazer salienta que todos os atores do Ban'yu Irnyoku devem se manter em plena forma física, como se fossem atletas.

"Em geral são artistas amadores que, depois de alguns meses de workshop, podem enfrentar o público diretamente."

Para Seazer, não existem atores melhores ou piores. "Procuro valorizar as diferenças de cada um, em vez de buscar um estereótipo ideal que todos têm que atingir."

Em um dos exercícios desenvolvidos por Seazer nos workshops, os atores chegam a ficar 24 horas seguidas num ambiente completamente escuro, para treinar habilidades como a velocidade e se mover sem enxergar.

"Isto porque todas as nossas mudanças de cena são feitas no escuro, com as cortinas abertas e os atores transformando a cenografia do palco."



Acima e à dir., cenas do espetáculo "Suna - Zôo do Deserto", que a companhia japonesa Ban'yu Irnyoku, dirigida por J.A. Seazer, apresenta no Sesc Anchieta de amanhã a domingo

